

INFORMAÇÃO, DISCURSO E PODER NAS MÍDIAS: UMA PROPOSTA DIDÁTICA DE LEITURA CRÍTICA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

*INFORMATION, DISCOURSE AND POWER IN THE MEDIA: A DIDACTIC PROPOSAL IN
CRITICAL READING IN FOREIGN LANGUAGE*

Jesús Ángel Parrondo Priego¹
Aldenice de Andrade Couto²

Resumo: Este trabalho tem por escopo propor um diálogo entre a Linguística Aplicada (LA), a Análise do Discurso (AD) e os Estudos Críticos do Discurso (ECD) com vistas a problematizar o funcionamento discursivo de enunciados em Língua Estrangeira (LE), veiculados em manchetes de jornais que circulam em websites. Para tanto, discorreremos de forma sucinta acerca do arcabouço teórico da Linguística Aplicada, da Análise do Discurso e dos Estudos Críticos do Discurso – especialmente a partir de alguns trabalhos de van Dijk. A vista disso, o presente estudo apresentará uma proposta didática de uma atividade de leitura em língua espanhola com um viés crítico, podendo esta ser adaptada para qualquer língua estrangeira.

Palavras-chave: Linguística aplicada. Estudos críticos do discurso. Proposta didática

Abstract: This piece of work has as an objective to propose a dialogue between Applied Linguistics (AL), Discourse Analysis (DA) and Critical Discourse Studies (CDS) aiming to question the discursive functioning of statements made in a Foreign Language in newspaper headlines to be found in websites. With this purpose in mind, we will very briefly depict the theoretical framework of Applied Linguistics, Discourse Analysis and Critical Discourse Studies - particularly from some texts by van Dijk. From this perspective, this study will present a Reading Comprehension didactic proposal for Spanish as a Foreign Language from a critical point of view. This proposal could easily be adapted to other foreign languages.

Keywords: Applied linguistics. Critical discourse studies. Didactic proposal

Considerações iniciais

De acordo com Bohn (2015) a discussão do ensino e aprendizagem de línguas sempre ocupou um lugar de destaque na literatura nacional e internacional da Linguística Aplicada (LA). Nesse sentido, apresentamos algumas contribuições dos estudos aplicados da linguagem

¹ Doutorando pela Universidade Federal da Bahia. Professor do Instituto Cervantes (Salvador).

² Doutoranda pela Universidade Federal da Bahia. Professora da Universidade Federal do Amapá.

para a pesquisa científica sobre ensino da leitura crítica nas aulas de Língua Estrangeira (LE). Assim, este trabalho objetiva propor um diálogo entre a LA, a Análise do Discurso (AD) e, especialmente, os Estudos Críticos do Discurso (ECD) com vistas a problematizar o funcionamento discursivo de enunciados em LE, veiculados em manchetes de jornais que circulam em *websites*, os quais podem se configurar em uma eficaz ferramenta para o ensino-aprendizagem crítico de uma LE.

Encarregados de refletir o espaço da linguagem nas relações sociais e a sua influência nos procedimentos de mudança social, os Estudos Críticos do Discurso (ECD) são uma abordagem interdisciplinar que se desenvolveu em um cenário de reação contra os paradigmas formais dominantes nas décadas de 1960 e 1970. Este movimento crítico teve algumas influências advindas da teoria social, notadamente aquelas do marxismo ocidental, quais sejam: pela compreensão das relações de dominação e exploração sustentadas ideologicamente na cultura; a perspectiva de Michel Foucault de “discurso” como um sistema de conhecimento cujo objetivo é controlar a sociedade através da regulação do saber e do exercício de poder; e a influência de Mikhail Bakhtin, o qual concebe a linguagem sempre de forma ideológica.

Partindo dessa perspectiva, a motivação para escrever o presente artigo surgiu por acreditarmos que a LA

[...] busca problematizar questões de uso da linguagem para que se possa melhor compreendê-las, uma LA que propõe intervenções que possam otimizar as relações mediadas pela linguagem e, por conseguinte, uma LA que se compromete com os sujeitos que vivenciam problemas nas diversas situações mediadas pela linguagem. (GUILHERME, 2013, p. 40)

Considerando a citação e corroborando com o autor podemos ressaltar que se trata aqui de uma LA que se posiciona “[...] nas fronteiras tênues e sutis onde diferentes áreas de investigação se encontram” (GUILHERME, 2011, p. 63), além de repensar o sujeito em sua constituição languageira, trazendo à tona sua relação com o sócio-histórico-cultural e político-ideológico. Nesse sentido, concordamos com o autor ao aventar que os ECD nos parecem relevantes tendo em vista que podem emergir na relação que o sujeito estabelece com a LE a qual aprende.

Concebemos o uso do gênero discursivo manchete no ensino de línguas, notadamente em aulas de leitura de LE, como uma atividade social e crítica, posto que este gênero pode despertar a atenção do leitor e os seus recursos linguísticos responsáveis pela construção de sentidos proporcionando assim a leitura e a interpretação de mundo. Ademais, são textos que

circulam no mundo, que têm uma função específica, para um público particular e com características próprias. Na verdade, essas características peculiares de um gênero discursivo nos permitem abordar aspectos da textualidade, a saber coerência e coesão textuais, impessoalidade, técnicas de argumentação e outros aspectos que concernem ao gênero em questão.

A manchete engloba entre outros, gêneros que utilizamos diariamente em nossas relações interdiscursivas, sociais, pragmaticamente determinadas. Outrossim, o referido gênero evidencia a atenção do leitor para o conteúdo informacional da notícia e geralmente o texto verbal vem acompanhado de imagem ampliando o argumento do texto, além de contar que a linguagem jornalística contempla o padrão culto da língua, sem desconsiderar o universo vocabular do leitor.

Posto isso, questionamos: *como uma abordagem do gênero manchete, em âmbito escolar, pode contribuir para o ensino-aprendizagem de leituras discursivas em LE críticas no Ensino Médio?*

Assim, o presente artigo está estruturado em quatro seções. A primeira, *Linguística Aplicada e Estudos Críticos do Discurso: diálogos possíveis*, mostra o percurso da LA e como esta pode dialogar com os ECD; a segunda, *Informar e Informação: Discurso e poder*, discute de que forma os Estudos Críticos do Discurso (ECD) consideram o discurso como uma prática social na qual a língua é socialmente influenciada, e o poder que ela tem de influenciar na sociedade. A terceira seção intitulada *Leitura crítica nas aulas de Língua Estrangeira (LE)*, evidencia como a leitura crítica pode ocupar um espaço preponderante nas aulas de LE e por fim, a *Proposta didática para uma aula de Espanhol Língua Estrangeira (ELE)* que contempla atividades propostas por meio do gênero manchetes.

Linguística Aplicada e Estudos Críticos do Discurso: diálogos possíveis

Antes de adentrarmos ao diálogo entre essas duas áreas, é pertinente elucidar a razão pela qual acreditamos ser possível essa conversa. Enquanto professores de LE, entendemos que ambas as áreas abordam questões acerca da discursividade constituinte da manifestação do sujeito pela linguagem. Assim, saber uma língua é mais do que o conhecimento de estruturas linguísticas, ou seja, vai além de um conjunto de saberes adquiridos por um sujeito situado social, política e historicamente, na e pela linguagem, já que

A linguagem não se refere somente aos sistemas de signos internos a uma língua, mas a sistemas de valores que comandam o uso desses signos em circunstâncias de comunicação particulares. Trata-se da linguagem enquanto ato de discurso, que aponta para a maneira pela qual se organiza a circulação da fala numa comunidade social ao produzir sentido. Assim, pode-se dizer que a informação implica processo de produção de discurso em situação de comunicação. (CHARAUDEAU, 2013, p.33-34)

Considerando a citação podemos pontuar que a AD, através de conceitos, como sujeito, discurso, informação e a própria noção de linguagem pode proporcionar suporte às reflexões concernentes aos processos acerca de ensino-aprendizagem de línguas, áreas tão caras à LA. Logo, acreditamos que a AD pode nos permitir trabalhar com elementos que pressupõem a relação linguagem e sujeito a partir da alteridade, já que a LA contemporânea concebe o sujeito não como mero ser racional, dotado de consciência e intenções, mas como um sujeito mais dinâmico, já que “vivemos, na verdade, uma época em que a questão da identidade já não pode ser considerada como algo pacífico. As identidades estão sendo cada vez mais percebidas como precárias e mutáveis, suscetíveis à renegociação constante (RAJAGOPALAN, 2003, p. 69).

Deste modo, a sociedade passa a demandar sujeitos mais dinâmicos, de forma que uma educação nos moldes tradicionais já não responde à demanda social, por isso a urgência de se trabalhar numa perspectiva relacionada às práticas sociais, ou seja, que os indivíduos possam se apossar de práticas de letramento crítico que permeiam as teorias da LA e da AD. Acreditamos que desta maneira podemos ajudar os alunos a utilizarem a LE como forma de possibilitar confrontos e reflexões para uma aprendizagem significativa, crítica e construtiva. A partir do parágrafo seguinte mostraremos como a LA constituiu-se como uma ciência que investiga a linguagem e atua no meio social, agindo como vetor de esperança (MOITA LOPES, 2006).

É interessante ressaltar a forma como Kumaradivelu (2006) propõe as pesquisas em LA, pois sugere aos pesquisadores que se questionem se a LA que se tem produzido é de fato crítica, se é autônoma, ou se continua como uma LA presa ao passado, restrita à mera aplicação da Linguística no campo de LE. Em suas investigações, o autor aponta que embora tenha expandido o foco para incluir aprendizagem, ensino e planejamento de ensino de línguas, o foco da LA ainda permanece para muitos limitado e limitador em seu propósito, por isso ele conchama a sermos transdisciplinares. Ainda de acordo com Kumaradivelu (2006), o estudo em LA que se torna cego à tais questões não consegue explorar os desafios atuais que se colocam aos estudos da linguagem.

Rajagopalan (2003) corrobora o mesmo pensamento evidenciando a compreensão da LA como um campo de investigação transdisciplinar, dito de outro modo, atravessar se necessário transgredindo fronteiras disciplinares convencionais com o objetivo de desenvolver uma nova agenda de pesquisa, isto é envolver a LA como campo de estudo que possa estabelecer diálogos com outros campos de investigação, de modo a buscar novas contribuições, pois compreende-se que outras disciplinas podem ajudar a aprofundar o entendimento de suas pesquisas. O autor assinala ainda que a LA precisa romper fronteiras e ampliar a sua área de atuação estabelecendo diálogos diferenciados com a Educação, a Filosofia, a Sociologia, a Pedagogia, a Psicologia dentre outras e estar aberta às novas possíveis sugestões em dialogar com outras disciplinas.

Segundo Pennycook (2006), é imprescindível que se faça uma Linguística Aplicada Crítica (LAC), no sentido de ser socialmente relevante e voltada a uma prática, pós-moderna problematizadora. Dentro desta perspectiva a busca é lutar por uma LA como conhecimentos transgressivos, de forma a se pensar sempre problematizador em relação ao estudo da linguagem. À vista disso, é de grande relevância reconhecer a natureza essencialmente humanística da LA já que o alvo é lidar com alunos, professores e formadores de professores. O autor propõe a LA conceptualizando-a uma forma de interdisciplina ou conhecimento transgressivo, já que na visão do autor as necessidades desestruturadas estão e são dominadas por culturas de ideologias hegemônicas, as quais limitam a possibilidade de se refletir o mundo. Ele ressalta ainda que a aprendizagem de línguas está totalmente vinculada à manutenção ou a possibilidade de mudanças dessas desigualdades, logo se o professor de línguas privilegia certos padrões culturais e linguísticos ele se torna na maioria das vezes reproduzidor dessas desigualdades.

Dessa forma, é pertinente destacar a visão de Pennycook (2006) ao defender que como linguistas aplicados precisamos não somente nos perceber como intelectuais situados em lugares sociais, históricos bem específicos, mas também entender que o conhecimento que produzimos está sempre vinculado a interesses, já que nossas investigações estão sempre focadas no ser humano enquanto sujeito e não mero objeto delas.

Uma vez contextualizada a LA passemos agora aos Estudos Críticos do Discurso cuja área pode constituir-se em um valioso instrumento de trabalho ao ensino de LE, uma vez que proporciona os elementos para a reflexão acerca da estrutura e a produção do sentido do texto. Nesse sentido, por meio dos ECD, o professor de LE pode conduzir os alunos na descoberta das pistas que podem levá-los à interpretação dos sentidos, a encontrarem as marcas estruturais

e ideológicas dos textos. A compreensão do discurso pode enriquecer as atividades desenvolvidas na sala de aula na medida em que permite trabalhar com várias modalidades textuais como a jornalística, a política, dentre outras. A riqueza desses textos certamente ajudará no trabalho de resgatar o discurso dos alunos, levando-os a construir seus próprios textos com crítica e inventividade.

Os ECD permitem trabalhar com noções que vislumbram a relação linguagem e sujeito a partir da alteridade. Concebe-se o sujeito não como mero ser racional, dotado de consciência e intenções, mas como efeito de linguagem, sendo, pois, descentrado, cindido, passível de ser capturado não por meio de uma identidade pronta e acabada, e sim por movimentos identificatórios, que se dão por meio da relação com o(s) outro(s), resultando em (des)contínuos processos de (des)arranjos de subjetividades, Charaudeau (2013).

Charaudeau (2013), considera que todo ato de linguagem é um fenômeno de troca entre dois parceiros que devem reconhecer-se enquanto semelhantes e diferentes, estejam eles diante um do outro ou não. O autor assinala que os sujeitos são semelhantes pois, para que a troca se realize, é imperativo que tenham em comum universos de referência e finalidades e são diferentes já que o outro só é perceptível e identificável na dissemelhança, ademais cada um desempenha um papel particular, quais sejam: o *sujeito comunicante*, ou seja, de sujeito emissor-produtor de um ato de linguagem, o *sujeito interpretante* de sujeito receptor-interpretante deste ato de linguagem. Desta feita, segundo este princípio, cada um dos parceiros engaja-se num processo recíproco, o qual não é simétrico, isto é, de reconhecimento do outro, numa interação que o legitima enquanto tal - o que é uma condição para que o ato de linguagem seja considerado válido. Este princípio é o fundamento do aspecto contratual de todo ato de comunicação, pois sugere um reconhecimento e uma legitimação recíproco dos parceiros entre si.

A vista disso, a relação que se pode estabelecer entre a LA e o discurso é pertinente, já que este, está presente em todos os momentos da vida cotidiana do ser humano. Logo, o indivíduo encontra-se em uma rede de discursos que o constitui enquanto sujeito e determina o que deve ou não ser dito. Nesse sentido, o discurso midiático faz parte dessa rede constitutiva do sujeito e, em relação ao processo de ensino e de aprendizagem de uma LE, estabelece identidades aos sujeitos envolvidos, possibilidades de enunciação e de escolhas dentro de uma gama de métodos de ensino, por isso entendemos que se faça necessário evocar outros conceitos articulados por Charaudeau (2013, p. 19) em favor a um ensino de línguas voltado para as questões acerca da linguagem, posto que “a informação é essencialmente uma questão de

linguagem, e a linguagem não é transparente ao mundo, ela apresenta sua própria opacidade através da qual se constrói uma visão, um sentido particular do mundo”.

Nessa perspectiva, trabalhar o gênero manchete nas aulas de LE pode permitir defender o processo de ensino-aprendizagem pelo viés da discursividade e isso nos leva a entender que algo fala antes dos sujeitos, há um “já-lá”, os já-ditos, nos quais aqueles se inscrevem para (se) significarem, enunciarem em LE, ou seja, esses sujeitos podem ocupar diversas e variadas posições discursivas, pois mesmo “a imagem, que se acreditava ser mais apta a refletir o mundo como ele é, tem sua própria opacidade, que se descobre de forma patente quando produz efeitos perversos (imagens espetaculares da miséria humana) ou se coloca a serviço de notícias falsas [...] (CHARAUDEAU, 2013, p. 20). Caminhando nessa direção (VAN DIJK, 2008, p. 12) enfatiza que “o discurso não é analisado apenas como um objeto “verbal” autônomo, mas também como uma interação situada, como uma prática social ou como um tipo de comunicação numa situação cultural, histórica ou política”, logo concordamos com os autores, pois enquanto professores de LE não podemos deixar de problematizar em sala de aula as questões discursivas, que mantêm uma relação com o poder e com os sujeitos que se apropriam e difundem tais discursos.

Informar e informação: Discurso e poder

Os Estudos Críticos do Discurso (ECD) consideram o discurso como uma prática social na qual a língua é socialmente influenciada, mas também com um grande poder de influenciar na sociedade. Ao mesmo tempo, os ECD têm grande interesse na “análise crítica da reprodução discursiva de abuso de poder” (VAN DIJK, 2008, p. 9) e são “engajados e comprometidos; intervêm nas práticas sociais e tentam revelar conexões entre uso da linguagem, poder e ideologia” (COTS, 2006, p. 336). Em outras palavras, os ECD interessam-se, por exemplo, em investigar “de que modo uma entonação específica, um pronome, uma manchete jornalística [...] um item lexical [...] entre uma gama de outras propriedades semióticas do discurso, se relacionam a algo tão abstrato e geral como as relações de poder na sociedade” (VAN DIJK, 2008, p. 9). O autor se interessa particularmente em como essa reprodução discursiva de abuso de poder perpetua a desigualdade social e o racismo³.

³ “O racismo é um sistema de dominação, de abuso de poder, reproduzido mediante práticas sociais de discriminação sustentadas por ideologias que compartilham os grupos étnicos dominantes. O discurso é uma

Van Dijk define o poder social atendendo ao controle de um grupo sobre outros. Isto inclui o controle discursivo. já que o foco deste trabalho é na informação, o discurso e o poder através das mídias⁴, enfocaremos neste assunto: o grupo que controla o discurso público fica numa posição desde a qual pode controlar indiretamente as mentes dos receptores da informação (VAN DIJK, 2008, p. 30) mediante a manipulação (midiática), o doutrinamento, a criação de estereótipos, a desinformação, etc. Assim, “controle do discurso público é controle da mente do público e, portanto, indiretamente, controle do que o público quer e faz. Não há necessidade de coerção se se pode persuadir, seduzir, doutrinarmos ou manipular as pessoas” (VAN DIJK, 2008 p. 23). Este controle das mentes constitui um abuso de poder e tem a capacidade de manter a hegemonia de um grupo dominante sob os outros, significando a violação de normas e valores essenciais a favor dos grupos dominantes e contra os interesses dos dominados, sendo isto um descumprimento dos direitos sociais e civis das pessoas. criando e/ou mantendo preconceitos, para construir uma dominação⁵.

Para van Dijk este abuso de poder é ilegítimo, pois é usado para sustentar posições racistas e perpetuar as desigualdades sociais. Para ilustrar esse uso ilegítimo do poder desenvolve critérios para identificar o viés racista de uma reportagem de jornal:

- Se apenas as ações negativas de jovens negros são representadas e não as de outros jovens ou, de fato, da polícia.
- Se as ações negativas dos jovens negros são enfatizadas (por hipérboles, metáforas) e as da polícia são desenfáticas (por exemplo, por eufemismos).
- Se as ações são especificamente enquadradas em termos “étnicos” ou “raciais”, em vez de ações de, digamos, jovens, ou pessoas pobres, homens ou outra categoria mais relevante.
- Se distúrbios, saques ou violência são focalizados como eventos sem causas sociais, por exemplo, como uma consequência do assédio frequente da polícia, ou sem um padrão mais amplo de pobreza e discriminação.
- Se os jornais sistematicamente se engajam neste tipo de viés e assim parecem ter uma política de reportar de modo negativo as minorias.
- Se apenas, ou predominantemente, fontes “brancas” que tendem a culpar jovens negros e exoneram a polícia são usadas. (VAN DIJK, 2008, p. 31)

dessas práticas sociais e justamente através dele as ideologias e práticas racistas são apreendidas e legitimadas” (VAN DIJK, 2007, p. 92)

⁴ “Enquanto o poder foi definido, tradicionalmente, em termos de classe e o controle sobre os meios materiais de produção, hoje tal poder tem sido em grande parte substituído pelo controle das mentes das massas, e esse controle requer o controle sobre o discurso público em todas as suas dimensões semióticas”. (VAN DIJK, 2008, p. 24)

⁵ “Como regra geral, podemos falar do uso ilegítimo do poder discursivo, isto é, da dominação, se esse discurso ou suas possíveis consequências sistematicamente violam os direitos humanos ou civis das pessoas. Mais especificamente, esse é o caso se tal discurso promove formas de desigualdade social (...)” (VAN DIJK, 2008 p. 32)

Os ECD não são, por definição, imparciais e visam favorecer os grupos dominados da sociedade, estudando as relações de dominação da perspectiva do interesse do grupo dominado; usando as experiências de membros desses grupos como evidência para avaliar o discurso dominante; tentando mostrar a ilegitimidade das ações discursivas do grupo dominante e, especialmente para nós, tentando formular alternativas ao discurso dominante, coincidentes com os interesses dos grupos dominados.

Segundo van Dijk, é um erro frequente considerar que o poder é essencialmente ruim. O poder pode ser exercido com propósitos positivos e também negativos. Desse modo, existem determinadas elites simbólicas “com acesso preferencial a - ou controle sobre o discurso público” (VAN DIJK, 2008, p. 23) que também são poderosas. Entre elas estão jornalistas, políticos, burocratas e também professores que, segundo o critério de van Dijk, por meio do (limitado e relativo) controle do discurso público que a posição deles e delas lhes dá, terão a capacidade de exercer um certo controle ou influência na mente do seu público. A partir do nosso ponto de vista crítico, esse potencial de controle ou influência deve ser exercido como contrapoder para, como apontamos acima, tentar formular alternativas ao discurso dominante e desenvolver o espírito crítico dos nossos alunos.

Nas palavras de van Dijk (2008, p. 34), “o ensino de ECD é também relevante para cidadãos em geral, porque eles podem aprender a ser mais conscientes acerca dos propósitos das elites discursivas e de como os discursos podem informar incorretamente, manipular ou, por outro lado, os danificar”, especialmente se eles também pertencem a algum dos grupos sob dominação, o que, infelizmente, não é nada incomum nas nossas escolas públicas.

Leitura crítica nas aulas de Língua Estrangeira (LE)

Segundo van Dijk (2008, p. 37) “a relevância prática dos ECD pode ser encontrada especialmente na educação crítica de estudantes como futuros profissionais”. Esta orientação crítica, enquanto educadores, deveria caber em qualquer disciplina, pois a nossa profissão propõe-se contribuir a criar cidadãos e não só profissionais acríticos prestes a ingressar ao mercado de trabalho. Porém, alguns professores de LE podem achar que a visão crítica dos ECD não tem espaço na sua sala de aula, ou acham que esse “conteúdo” pode ser aprendido em outra matéria. Nós discordamos com essa visão: segundo Cots (2006, p. 336), “a introdução da Análise do Discurso Crítica na sala de aula não implica necessariamente uma mudança na

metodologia ou técnicas de ensino⁶”. As implicações têm mais a ver com a necessidade de introduzir objetivos e atitude crítica no ensino e aprendizagem de LE e, no caso que nos ocupa, no tratamento da compreensão leitora (crítica). A seguir, justificaremos a nossa proposta de trabalhar a compreensão leitora a partir uma perspectiva crítica. Segundo Valero et al., (2015, p. 10)

o Letramento Crítico se vincula com a Pedagogia Crítica e com as teorias de Paulo Freire, assim como com a Análise do Discurso Crítica de van Dijk (2009) que sustenta que compreender criticamente um texto implica identificar a visão da realidade que ele oferece e os mecanismos dos que se serve para representá-la⁷.

Segundo estes autores um leitor crítico tem consciência da inseparabilidade das circunstâncias (históricas, culturais e institucionais) nas que um texto é gerado e o seu significado e é capaz de ativar e utilizar estratégias variadas de leitura para buscar, localizar e avaliar a informação, assim como para compreender o conteúdo trazido pelo texto, a relação com o contexto no que foi concebido, a função dele nesses contextos e o posicionamento que tenta conseguir no leitor (VALERO et al., 2015).

Mas, é necessária essa preocupação? É preciso ter esse olhar crítico? Segundo Charaudeau (2013, p. 42) “Nenhuma informação pode pretender, por definição, à transparência, à neutralidade ou à factualidade” e faz um chamado à relevância de prestar atenção ao tratamento da informação, a quem informa, por que e/ ou para que informa e, também, quem é o público alvo dessa informação. Charaudeau (2013, p. 59) enfatiza a finalidade ambígua da informação: a hipótese de gratuidade e filantropia na informação “torna-se suspeita porque sua finalidade atende a um interesse diferente do serviço da democracia”. Efetivamente, uma vez que as mídias operam em economias de mercado, não parece suspicácia acreditar que dificilmente o objetivo delas seja meramente a transmissão de uma informação objetiva em prol do bem comum. Geralmente, os objetivos serão menos altruístas e visarão captar e seduzir um número amplo de compradores “o que nem sempre atende à exigência de credibilidade que lhe cabe na função de ‘serviço ao cidadão’” (CHARAUDEAU, 2013, p. 59) e, para isso, as mídias

⁶ Texto original: The introduction of Critical Discourse Analysis in language classes does not necessarily involve a change in teaching methods or techniques (tradução nossa). Todas as traduções foram feitas pelos autores do texto.

⁷ Texto original: La Literacidad Crítica se vincula con la Pedagogía Crítica y con las teorías de Paulo Freire, así como con el Análisis Crítico del Discurso (van Dijk, 2009), que sostiene que comprender críticamente un texto implica identificar la visión de la realidad que este ofrece y los mecanismos de los que se sirve para representarla.

produzirão informações que tentem captar distintos públicos alvo, usando para isso os meios que sejam precisos o que pode incluir “armadilhas” da linguagem, como polissemia, sinonímia, pluridiscursividade, etc. O autor ressalta o jogo do dito e o não dito, do explícito e do implícito e previne de que na informação tudo é questão de escolha. Escolha de conteúdos, de efeitos de sentido e, enfim, de estratégias discursivas (CHARAUDEAU, 2013, p. 39). Finalmente, o autor afirma que

a verdade não está no discurso, mas somente no efeito que produz. No caso, o discurso de informação midiática joga com essa influência, pondo em cena, de maneira variável e com consequências diversas, efeitos de autenticidade, de verossimilhança e de dramatização. (CHARAUDEAU, 2013, p. 63)

e, dado que qualquer instância de informação exerce um poder sobre os outros, inclusive o poder de controlar/ manipular/ influenciar as mentes dos receptores da informação, consideramos vital preparar a nossos estudantes para este desafio, também em LE. Não só para eles serem cientes desse poder potencialmente manipulador e dos efeitos dos vieses que essa informação pode ter, por exemplo, em termos de criação de preconceito, racismo e, em suma, de abuso de poder e dominação (VAN DIJK, 2008), mas também para criar espaços de resistência: “A abordagem crítica à aprendizagem de línguas é compatível com uma visão de educação que dê prioridade ao desenvolvimento das capacidades do estudante de examinar e julgar o mundo cuidadosamente e, se for preciso, mudá-lo.⁸” (COTS, 2006, p. 336).

Assim, propomos integrar esta perspectiva para capacitar os nossos estudantes para examinar e julgar cuidadosamente os textos que confrontem, de maneira que sejam capazes, não só de compreender os textos na sua literalidade, mas também de interpretar criticamente a visão do mundo (ideologia, valores e grupos representados) contida no texto, a sua função (informar, explicar, ensinar, etc.) e os efeitos visados (pelo emissor) e produzidos (no receptor, em contexto) por ele, as estratégias textuais e discursivas usadas pelo emissor e as ativadas pelo estudante para analisar e interpretar o texto e, enfim, a serem capazes de avaliar a informação e ter consciência do caráter sociocultural e ideológico dos textos.

Segundo Valero et al., (2015, p. 18), “A maioria dos estudantes de LE não são cientes de que todos os discursos são ideológicos e de que o seu significado é determinado pelo marco

⁸ Texto original: The critical approach to language study is consistent with a view of education which prioritizes the development of the learners’ capacity to examine and judge the world carefully and, if necessary, to change it.

sociocultural de produção e recepção dele.⁹” e relacionam este fato com a visão tradicional da leitura como ação individual de decodificação textual linguística, no qual o texto é portador de um significado único, fixo e independente das circunstâncias nas que o texto foi produzido (2015, p. 18). Essa visão também é dominante na didática da língua.

Segundo os autores existem diferenças entre leitores críticos e “literais”, e estas vão além da competência ou das destrezas linguísticas e têm mais a ver com a concepção da tarefa leitora, das implicações ideológicas e socioculturais e das próprias limitações de ser um leitor em LE. “Por esse motivo, o ensino de LE deve incluir tarefas que mostrem a complexidade da compreensão crítica e que permitam aos alunos conhecerem melhor as suas capacidades e dificuldades na hora de encarar um texto em LE [...]”¹⁰ (2015, p. 21). Na seguinte seção apresentaremos uma proposta didática que visa incluir a perspectiva crítica em tarefas de compreensão leitora nas aulas de LE.

Proposta didática para uma aula de Espanhol Língua Estrangeira (ELE)

Como vimos nos tópicos precedentes é de grande relevância trabalhar a LE numa perspectiva crítico- discursiva em sala de aula. Como foi justificado em páginas prévias, a manchete jornalística foi o gênero textual escolhido. Desta feita, considera-se sua importância como catalisador pedagógico para o desenvolvimento da ampliação da competência leitora crítica. Ressalta-se que esta proposta didática é indicada para o 1º ano do ensino médio, contudo, a depender da realidade da turma, poderá ser trabalhada no 2º e no 3º ano. Estimamos uma duração prevista para esta unidade didática de umas duas aulas de cinquenta minutos.

Os objetivos principais desta proposta didática são: discutir sobre a manchete, considerando sua existência na sociedade e sua função social, assim como compreender as características deste gênero textual; analisar de maneira crítica várias manchetes para identificar elementos que permitam a transmissão de um determinado viés a uma notícia, centrando-nos principalmente no viés racista e refletir sobre os elementos mencionados; refletir sobre a

⁹ Texto original: La mayor parte de los aprendices de LE no son conscientes de que todos los discursos son ideológicos y de que su significado viene determinado por el marco sociocultural de producción y recepción del mismo.

¹⁰ Texto original: Por ello, la enseñanza de LE debe incorporar tareas que muestren la complejidad de la comprensión crítica y que permitan a los aprendices conocer mejor sus capacidades y sus dificultades a la hora de enfrentarse a un texto en LE [...].

neutralidade das mídias e da importância do contexto, bem como produzir manchetes a partir de uma perspectiva crítica.

Descrição das atividades¹¹:

Ativação dos conhecimentos prévios:

- O professor mostrará para os alunos uma manchete de jornal e lhes perguntará que tipo de documento é esse? Onde ele é visto/ circulado, etc.? Para instigá-los a identificá-lo e nomeá-lo.



España se clasifica por primera vez para los octavos de final de un mundial femenino

Figura 1: Manchete 1

- Os alunos, baseando-se em exemplos, por meio da discussão entre eles e com a ajuda do professor, esclarecerão a estrutura básica do referido gênero e tentarão definir que características tem uma boa manchete de jornal.

¹¹ Por motivos de espaço, algumas fases da proposta didática não serão totalmente desenvolvidas neste documento e serão apontadas meras sugestões de tratamento pedagógico que, sem dúvida, os colegas serão capazes de ampliar ou completar em função das necessidades e o contexto da(s) sua(s) turma(s).

Pré-leitura:



Figura 2: Manchete 2

- O professor projetará para os alunos a Manchete 2.
- Os alunos deverão tentar responder às questões: O que aconteceu? Onde? Quando? Quem são os protagonistas da informação?, etc. Na hora de socializar as respostas dos alunos, ficará óbvio que a última pergunta não pode ser respondida de modo completo, pois uma das protagonistas dela é designada como “*una afroamericana*” e não pelo seu nome, diferente do que acontece com o branco nadador estadunidense.
- Alunos e professor discutirão as implicações/ efeitos de o autor não mencionar o nome da nadadora. Por exemplo, apagamento, invisibilização, viés racista, etc.
- A seguir, o professor discutirá com os seus alunos o termo “Leitura Crítica” e trará à baila conceitos próprios dos Estudos Críticos Discursivos (ECD), (VAN DIJK, 2008) como poder, abuso de poder, manipulação (da informação), etc. e lhes informará de que será desse jeito que a turma trabalhará a compreensão de leitura nessa aula.
- Seguidamente, o professor pedirá para os alunos elaborarem uma lista de elementos que, na opinião deles, daria a qualquer notícia um viés racista. Suas listas serão, a seguir, comparadas com a lista de condições racistas estabelecida por van Dijk (2008, p. 31) e comentadas. A lista de van Dijk ficará à vista da turma para seu uso posterior.

Leitura:

- Os alunos trabalharão com uma lista de manchetes de jornais espanhóis¹²: após eles serem apresentados pelo professor os alunos terão duas tarefas: a partir das reflexões e

¹² Evidentemente, a ajuda do professor será necessária, para esclarecer (ou orientar os alunos para pesquisar eles mesmos) sobre elementos próprios da cultura da Espanha (Guardia Civil, Melilla, Ciudad autónoma, Gitanos, etc.)

textos prévios, eles farão a análise destas manchetes e decidirão se elas têm um viés racista¹³ ou não e deverão determinar que elementos (de língua) fazem com que eles os sejam?



Figura 3: Manchetes de jornais espanhóis

Pós-Leitura:

- Após a apreciação das respostas dos alunos o professor poderá propor à turma o trabalho com:
 - Os diferentes elementos de língua que transmitem o suposto viés racista as manchetes (seleção lexical, por exemplo).
 - Atividades de reflexão: o poder das mídias e da informação; quem informa; como informa; para que, etc.
 - Exercícios de reescrita crítica, para tentar reescrever as manchetes sem conotações racistas ou tentando criar outras diferentes, para os alunos entenderem o poder e alcance das escolhas linguísticas e discursivas.

Avaliação:

¹³ Na Espanha, o discurso dominante estigmatiza vários grupos não tão presentes na sociedade brasileira como os “inmigrantes” (subsarianos, marroquinos, romenos, etc.) e os ciganos. Ver mais em Racism and the Press in Spain, van Dijk (2007)

Uma possível forma de avaliação seria pedir para os estudantes apresentarem as manchetes reescritas (já sem conotações racistas) comparando-as com as manchetes originais. Os estudantes devem ser capazes de explicar as mudanças por eles feitas e argumentar as escolhas deles e os efeitos visados por elas¹⁴. Finalmente, devem ser capazes de explicitar como as escolhas (linguísticas, imagéticas, de abordagem, temáticas, etc.) moldam os significados e têm poder para influenciar ideologicamente aos receptores da informação.

Considerações finais

Neste artigo buscamos apresentar uma proposta didática com o gênero manchete afim de contribuir para a leitura crítica em aulas de LE. Acreditamos que o gênero em questão pode proporcionar oportunidades para o desenvolvimento do senso crítico do aluno face à manifestação da linguagem, a qual se estabelece como forma de interação social. Para tanto, retomemos a pergunta norteadora que nos conduziu na produção deste trabalho: *como uma abordagem do gênero manchete, em âmbito escolar, pode contribuir para o ensino-aprendizagem de leituras discursivas críticas em LE no Ensino Médio?*

Primeiramente, podemos dizer que pode contribuir quando consideramos a sua relevância como suporte pedagógico catalisador para o ensino-aprendizagem da leitura crítica, já que seus elementos são carregados de significação e permite o alcance da compreensão através do processamento de conhecimentos prévios por parte do interlocutor (o aluno) cuja mediação através do texto, vai conceptualizando os objetivos da manchete e construindo sentidos.

Segundamente, pode colaborar pelo fato de oportunizarmos ao aluno a refletir discursivo-dialogicamente sobre a língua, a partir da construção de sentidos na manchete que se realiza por meio da interação entre os discursos, o uso de imagens, resumo da notícia com todos os elementos essenciais à compreensão da matéria, além da percepção da crítica que, muitas vezes, se encontra implicitamente. Vale, ainda, mencionar que o aluno (leitor) é conduzido também a confrontar os fatos denunciados no gênero em questão, ao estabelecer uma relação com o contexto social do qual ele faz parte. Deste modo, o olhar voltado para o uso da imagem e da língua na manchete pode mobilizar o leitor a verificar o espaço histórico-social e ideológico no qual, conseqüentemente, o autor se insere. Acreditamos que esta envoltura com o texto pode

¹⁴ Os outros estudantes podem confirmar se o efeito visado foi atingido e porquê ou porque não.

contribuir para a formação de um leitor cada vez mais crítico que possa ampliar sua capacidade de ler nas entrelinhas.

Por fim, pode cooperar para o engajamento dos sujeitos (alunos de LE) em um lugar discursivo que seja capaz de promover deslocamentos, o qual se dá a partir do questionamento das concepções totalizantes, as quais, como bem sabemos não se apagarão nem tampouco serão extintas, todavia podem ocupar um lugar que possibilite aos sujeitos se inscreverem na língua que aprendem, assumindo a sua incompletude, espaço que pode ser melhor compreendido, a nosso ver, no entremeio da LA e dos ECD.

Referências

BOHN, Hilário. MOITA. Ensino e aprendizagem de línguas: os atores da sala de aula e a necessidade de rupturas In: LOPES, L. P. da. (Org.). **Linguística Aplicada na modernidade recente**. Festschrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola, 2015.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. Tradução de Ângela M.S. Corrêa. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

COTS, J. M. Teaching ‘with an attitude’: Critical Discourse Analysis in EFL teaching. **ELT Journal**, v.60, n.4, p. 336 - 345, 2006.

DE ALMEIDA FARIAS-MARQUES, M.S., Leitura e produção textual em aulas de língua espanhola. **Linguagens e cidadania**, v. 11, jan./dez., 2009.

GUILHERME, M. F. F. Ensino de línguas estrangeiras e formação de professores: deslocamentos epistemo-pragmáticos numa perspectiva celaniana. In: SZUNDY, P. T. C.; BÁRBARA, L. (Org.). **Maria Antonieta Alba Celani e a Linguística Aplicada: pesquisadores-multiplicadores em (inter)ações**. Campinas: Mercado de Letras, 2013. p. 37-56.

KUMARADIVELU, B. A Linguística Aplicada na era da globalização. In. MOITA LOPES, L.P da (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

PENNYCOOK, A.. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma linguística aplicada INDisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 67-84.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica**: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

VALERO, M. J., VÁZQUEZ, B., CASSANY, D. Desenredando la web: la lectura crítica de los aprendices de lenguas extranjeras en entornos digitales. **OCNOS, Revista de Estudios sobre Lectura**, n. 13, p. 7-23, 2015.

VAN DIJK, T.A. **Discurso e poder**. Tradução de Judith Hoffnagel. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

VAN DIJK, T.A. Racism and the press in Spain. **Discurso y Sociedad II. Nuevas contribuciones al estudio de la lengua en un contexto social**, Castelló de la Plana: Universitat Jaume I, v.2, p. 59-99, 2007.

Sitologia

ALERTA DIGITAL. *Las moras de Melilla más prolíficas que las ratas: la tasa de natalidad de la ciudad autónoma supera en casi 10 puntos la media nacional*. Disponível em: <<http://www.alertadigital.com/2010/12/14/la-tasa-de-natalidad-en-melilla-supera-en-casi-10-puntos-la-media-nacional/>> Acesso em 14 maio 2019.

EL CASO. *La Guardia Civil (en brillante actuación) detuvo a dos gitanos, presuntos autores del crimen de Valencia*. Disponível em: <<https://blogs.publico.es/strambotic/2016/03/titulares-el-caso/>> Acesso em 14 maio 2019.

LA RAZÓN. *Sólo 60 Guardias Civiles para impedir el asalto de 1.500 subsaharianos*. Disponível em: <<https://www.larazon.es/espana/solo-60-guardias-civiles-para-impedir-el-asalto-de-1-500-subsaharianos-DE19594362>> Acesso em 14 maio 2019.

LA RAZÓN. *Yihadistas infiltrados como inmigrantes*. Disponível em: <<https://www.larazon.es/espana/yihadistas-infiltrados-como-inmigrantes-BG20151022>> Acesso em 14 maio 2019.

MERCURY NEWS. *Olympics: Michael Phelps shares historic night with African-American*. Disponível em: <https://cubaadiario.blogspot.com/2016_09_06_archive.html> Acesso em 20 mai. 2019.

PÚBLICO. *España se clasifica por la primera vez para los octavos de final de un mundial femenino*. Disponível em: <<https://www.publico.es/deportes/espana-clasifica-primer-vez-octavos-final-mundial-femenino.html>> Acesso em 20 mai. 2019.

Recebido em: 17/12/2019

Aprovado em: 2/3/2020